

# AS SETE ESTÁTUAS CONTAM A HISTÓRIA

O restaurador José Mauro de Mello Ribeiro está trabalhando na restauração das sete estátuas do século 18 que ornamentam o quartel da 11ª Brigada de Infantaria Blindada, na Fazenda Chapadão

KIKO PACOLA

Parte da história de Campinas está sendo resgatada com a restauração de sete estátuas do século 18 que ornamentam o quartel general da 11ª Brigada de Infantaria Blindada, na Fazenda Chapadão. As obras de arte — possivelmente presenteadas ao Barão de Itapura, proprietário da fazenda há dois séculos — estão sendo recuperadas pelo artista plástico e restaurador José Mauro de Mello Ribeiro, a pedido do general Agenor Francisco Homem de Carvalho, comandante da Brigada, que conseguiu do Ministério do Exército a verba de mil OTNs (cerca de 3,8 milhões de cruzados, a valores de hoje) para a realização do trabalho.

O artista plástico Mauro Ribeiro foi o escolhido para a restauração das obras por sua experiência nesse tipo de trabalho. Ele estudou no Instituto de Restauração de Paris e se aperfeiçoou na Espanha, Itália e Portugal, tendo sido o responsável pela restauração do monumento a Carlos Gomes e da Catedral Imaculada Conceição, entre as centenas

de recuperações que já fez. Há duas semanas ele já está trabalhando nas obras do BIB juntamente com seu auxiliar Oswaldo Rossi Bramussi, e espera terminar a tarefa dentro de quatro meses.

Quatro das peças a serem restauradas já estão no atelier de Mauro Ribeiro. São quatro estátuas de porcelana do Porto (Portugal), datadas do século 18 e de autoria desconhecida, chamadas Alegoria da Primavera, Alegoria do Verão, Alegoria do Inverno e Alegoria do Outono. Elas apresentam oxidação generalizada, trincas descamação, colagem inadequada, fragmentação e partes faltantes, segundo o restaurador.

A restauração dessas peças será feita no processo a frio, com material sintético de mesma dureza e resistência que a porcelana. "Esse material garante a mesma tonalidade, brilho e efeito de textura do original", explica o restaurador.

Caso se pretendesse fazer a recuperação com a própria porcelana portuguesa, muito difi-

cilmente se acharia material nas mesmas características e o material original não suportaria a requeima necessária.

Como Pietá

As outras três peças a serem trabalhadas foram esculpidas em mármore de Carrara italiano, são igualmente anônimas e de datas desconhecidas — possivelmente do intervalo entre 1700 e 1800. A mais importante delas — e do acervo em recuperação — é uma cópia romana da Afrodite Médici, valiosíssima obra exposta na Galeria Ufisi, em Florença (Itália). Mauro Ribeiro acredita que esta seja a única cópia no mundo.

As outras peças de mármore são dois leões que ornamentam a entrada do quartel. Todas as obras apresentam elevado estado de deterioração provocada pela ação do tempo, pela falta de cuidados anteriores, por restauração inadequada e pela movimentação das peças ao longo dos anos. As obras também foram chumbadas com cimento e pedra, provocando trincas nas bases em decorrência das dilatações diferentes entre o mate-

rial de fixação e do material das obras.

O mais difícil, segundo o restaurador, será refazer as partes faltantes. Para isso, ele precisou encontrar, em uma pesquisa de catálogos, as obras originais. Baseando-se nas fotos desses catálogos, ele irá recompor o que falta. No caso das obras de mármore de Carrara, a restauração será feita com a utilização do próprio mármore retirado de partes internas das peças, a fim de garantir as mesmas características do material. As partes retiradas serão preenchidas por mármore da mesma espécie. "É um trabalho semelhante ao que foi feito com a Pietá, de Michelângelo", revela Mauro Ribeiro.

Segundo ele, a iniciativa do Exército é "muito elogiável" porque se preocupa com obras de arte históricas. O valor histórico das peças, aliás, tem o mesmo valor artístico na opinião do restaurador que aconselha a remoção das sete estátuas, depois de recuperadas, para um local mais protegido.



Estátuas em restauração, trabalho que custará Cz\$ 3,8 milhões

## Engenho Fazenda Chapadão

A propriedade que hoje abriga a 11ª Brigada de Infantaria do Exército, em Campinas, mais conhecida como Fazenda do Barão de Itapura, fazia parte da sesmaria do capitão Joaquim José Teixeira Nogueira, segundo apontam documentos históricos.

Nogueira foi um dos pioneiros da indústria açucareira em Campinas. Em 1798 ele fundou ali um engenho que produzia mil arrobas de açúcar. Batizada originalmente de Engenho Fazenda Chapadão, a propriedade teve o primeiro grande solar do café.

O filho do capitão Joaquim Teixeira Nogueira, major Luciano Teixeira Nogueira, foi quem construiu a nova casa-sede (que hoje serve de quartel-general do 11º BIB) onde se acomodaram voluntários da revolução liberal de 1842.

Com uma produção canaveira crescente, a fazenda foi vendida, pelos anos de 1850, a Tomás Luis Al-

ves, gerente do Banco do Brasil em São Paulo, que a transformou em produtora de café. Em 1869 a propriedade foi adquirida pelo Barão de Itapura que incrementou a produção a ponto de, em 1885, a fazenda possuir 110 mil pés de café em terra roxa, máquina de benefício a vapor e terreiros atijolados. Mas, cinco anos depois, o barão transferiu a propriedade aos filhos José Francisco e Alberto Egídio de Sousa Aranha. Mais tarde, a viúva e o filho de Alberto Egídio — que tornara-se proprietário único — repassaram a fazenda para seus credores. O imóvel, depois, foi adquirido por Antonio Carlos da Silva Teles, cunhado de José Paulino Nogueira e herdado por suas duas filhas.

Otaviano Alves de Lima Filho, casado com uma delas, acabou se transformando em proprietário exclusivo da Fazenda Chapadão e, em 1942, vendeu o imóvel ao Exército Brasileiro, para sede do comando e unidades da 11ª Brigada de Infantaria.



José Mauro de Mello Ribeiro e o auxiliar Oswaldo Rossi Bramussi

## Diário de bolso

EUSTÁQUIO GOMES

1

Surpreendi-me um bocadinho quando a Nina Matarazzo, aqui deste mesmo jornal, resolveu me incluir entre seus entrevistados para a seção "Gente que vive bem". Não pude deixar de sorrir e pensar: se a Nina soubesse das minhas contradições. Todavia é certo que convivo bem com elas, portanto, não vou sonegar a uma pessoa amiga o *éclat* de minhas pequenas felicidades... ainda que entremeadas de dúvidas.

2

A rigor não existe ninguém completamente feliz, o que não chega a ser novidade. Existem sim pessoas que ostentam uma pretensa harmonia interior por uma questão de marketing pessoal — para essas parece repugnante e vexatório não apresentar a heróica máscara de rude segurança e beleza interior. Coisa parecida se dá com os autoglorificadores de plantão, que não vão a lugar algum sem levar, debaixo do braço, o seu pequeno pedestal. Claro está que, nostálgicas de suas fantasias de onipotência, essas pessoas se esforçam ao máximo para negar seus limites.

3

Quais são os limites? Referi-me a eles no meu **Jonas Blau**, mas Freud já os tinha mapeado há 80 anos. Permitam-me citar o pequeno Jonas: "Estranho ser é o homem. Capaz de cultivar a mais fina flor, capaz de viajar pelo átomo e pelo cosmo, pelo passado remoto e pelo futuro distante, a ponto de se arvorar, não sem razão, num pequeno deus natural! Mas vejam como ele ausculta com ansiedade e bombeamento de seu sangue, como se entristece quando olha para trás e vê o que deixou no vaso sanitário, como se alarma quando o corpo frágil (esse grotesco estorjo de carne) começa a sangrar!"

do de coisa? Melhor deixar todos dormindo na inconsciência. Eu digo: não. Porque é investindo em paraísos improváveis que se deixa escapar a probabilidade terrena.

5

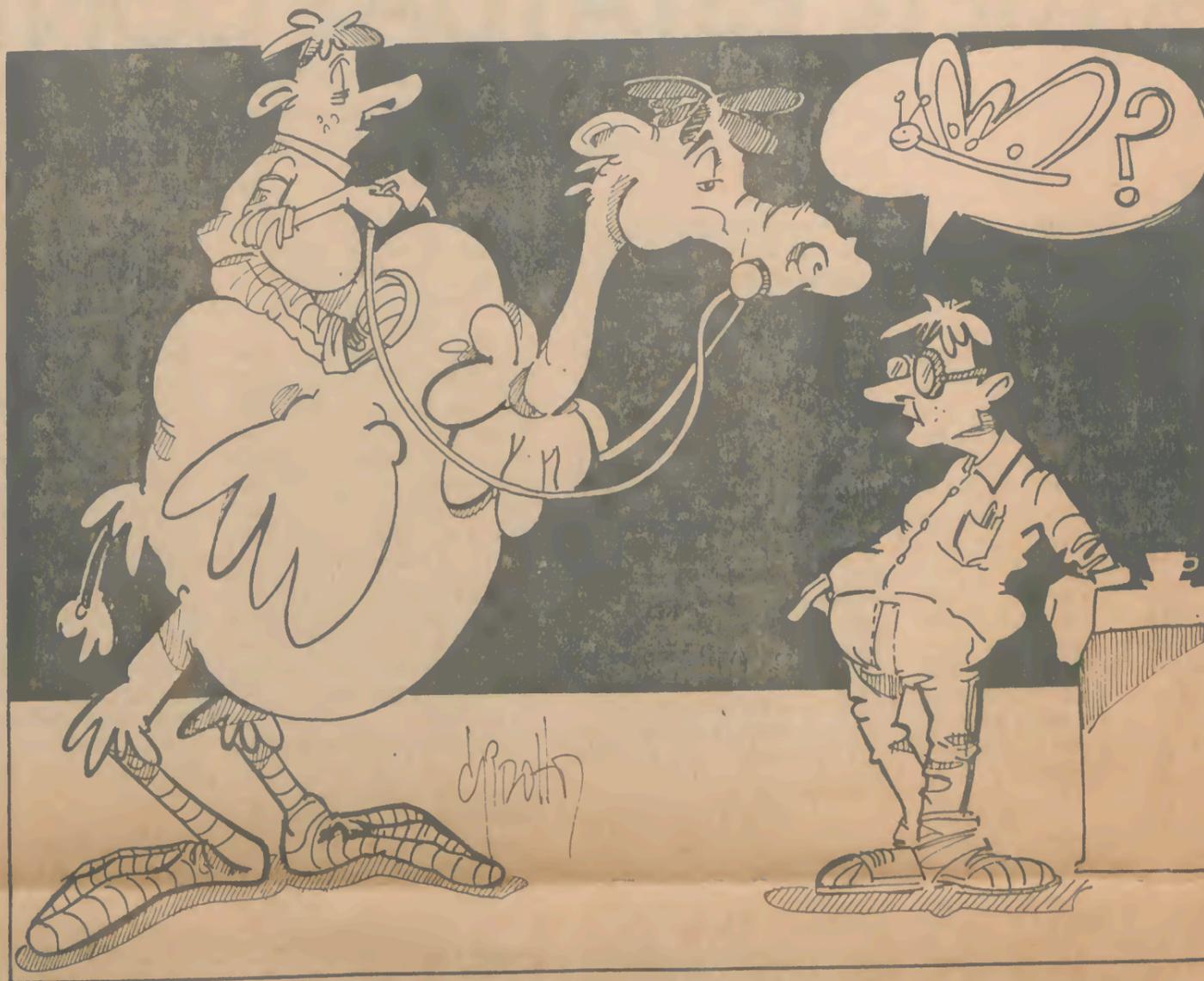
Volto ao herói plausível. Freud foi um, até porque desmascarou o mito do heroísmo. Na vida familiar, porém, ou no círculo psicanalítico, ninguém mais gostador de posar de chefe supremo. Pois até ele teve suas crises de incerteza pessoal, o que se traduziu, algo comicamente, em dois desmaios diante de Jung, seu discípulo mais esperto.

6

No primeiro, Jung relatava ao mestre o caso de uns cadáveres pré-históricos encontrados num charco onde a presença de certos ácidos lhe haviam consumido os ossos mas preservado a pele e os cabelos, Freud, irritado, disse: "Não vejo por que tanto interesse nesses cadáveres". Como Jung insistisse, Freud depressa empalideceu e escorregou para fora da cadeira. Mais tarde confessou ao discípulo que toda aquela balela de cadáveres indicava que Jung tinha desejos de morte com relação a ele.

7

De outra feita estavam num congresso em Munique quando alguém conduziu a conversa para Amenófis IV, o faraó que mandou apagar o nome de seu pai dos monumentos egípcios, gravando no lugar o seu. Depois de lançar um triste olhar paterno ao pertinaz Jung, o pobre Sigmund empacotou no tapete. O fato é célebre e pode ser conferido no cartapácio de Ernest Jones, a genial biografia do mestre. Emprestei-a a Ubaldo, meu psicanalista de plantão, há uns dois anos. Jamais falou em devolver.



## Entre o avestruz e o camelo

CACALO FERNANDES

Eu queria tomar um café e ele me vender bilhetes de loteria. "Um café, por favor", pedi, e me debrucei no balcão para me ver longe do avestruz que o baixinho insistia em me passar diante da cara. Disfarcei conversando com Maria, a garçonete que preparava xicaradas para os frequentadores, fazendo com que o café caísse do coador num fio grosso, sem derramar, certo.

"Já que o senhor não quer o avestruz, que tal o camelo"? Era o baixinho de novo, que me cutucou no ombro esquerdo e se apresentou sorridente no lado direito, expondo bilhetes em leque pra despertar meu apetite pela sorte e fortuna.

Fiquei um tempo pensando, olhando em sua cara e bilhetes coloridos. Os dois estavam convincentes. Resolvei comprar. "Tá bom, mas não sei se levo o avestruz ou camelo". "Leva os dois", insistiu o baixinho. "Não, só um. Eu vou de avestruz", decidi. E puxei um pedaço do leque da sorte de sua mão.

Meio resabiado por eu ter desprezado o camelo, o baixinho deu de ombros e começou a filosofar. "A loteria é como o amor, tem que arriscar", analisou ele, atirando um olhar insinuante para Maria. Voltou-se depois para o público do café e prosseguiu no tema: "Se você ficar carrancudo, de cara feia, ninguém olha pra você. Agora, se fica leve, com uma cara bonita, todo mundo vai prestar atenção em você", e deu mais uma olhadela conquistadora para Maria, interrompendo o zum, zum, zum malicioso dos homens do café.

"E olhe que você pode até ser considerado um sujeito feio", ponderou. "Mas se resolve que é bonito... Então, nessa de ficar aberto para as coisas da vida, pode até, de repente, bater forte com algum olhar e vlupt: você tá pegando. Depois é só deixar aquela coisa boa passear quentinha por dentro da gente... Ah sim; então se você não compra o bilhete, como é que vai querer o amor?"

Naquela hora só dava a voz aguda do baixinho no pequeno espaço do café. Todos que estavam ali escutavam curiosos a sua falação. E ele sabia disso. De repente, ele reassumiu o seu papel de vendedor de bilhetes. "Avestruz e camelo para hoje. Depois não fique falando que o baixinho lhe passou o bilhete premiado no nariz e você não comprou".

Tacada certíssima. Em alguns minutos o baixinho tinha vendido todos os bilhetes que restavam. E concluiu o negócio com um renovado discurso: "Mas também ninguém é Deus. Se o amor e a sorte não vierem hoje, podem vir amanhã, ou depois de amanhã; assim por diante. Porque o importante é você se achar pronto, preparado para a conquista. O resto é o resto e chega a qualquer hora". E saiu enorme o baixinho, se despedindo com o braço erguido e os dedos em "V". Na saída ainda me deu uma discreta cutucada, só para que eu escutasse: "Tenho quase certeza que vai dar camelo".

## IMPRESSÕES

### Sobre a POESIA

"E a crítica que não